

# A desejabilidade dos contadores de histórias

**Entre os caçadores-coletores filipinos, contar histórias é mais valorizado do que qualquer outra habilidade, e os melhores contadores de histórias têm mais filhos.**

**Ed Yong**

Tradução: Paulo Bocca Nunes



Agta preparando uma fogueira. (Jacob Maentz / Getty Images).

**E**ra uma vez, o sol e a lua discutindo sobre quem iluminaria o céu. Eles lutaram como os corpos celestes antropomórficos são destinados a fazer, mas depois que a lua se mostrou tão forte quanto o sol, eles decidiram fazer turnos. O sol iluminaria o dia, enquanto a lua iluminaria a noite.

Esta é uma das várias histórias contadas pela Agta, um grupo de caçadores-coletores das Filipinas. Eles gastam muito tempo girando fios uns para os outros e, como o conto deles sobre o sol e a lua, muitos desses contos são infundidos com temas de cooperação e igualdade. Isso não é coincidência, diz Andrea Migliano, um antropólogo da University College London.

Contar histórias é uma característica humana universal. Surge espontaneamente na infância e existe em todas as culturas até agora estudadas. Também é antigo: algumas histórias específicas têm raízes que se estendem por cerca de 6.000 anos. Como já escrevi antes, esses contos não são tão antigos quanto o tempo, mas talvez tão antigos quanto rodas e escrita. Por causa de sua antiguidade e onipresença, alguns estudiosos retratam a contação de histórias como uma importante adaptação humana – e é, certamente, como Migliano a vê. Entre os Agta, sua equipe

**Texto original:** The Desirability of Storytellers.

**Autor:** Ed Yong.

**In.:** The Atlantic – Science – 5 de dezembro de 2017.

**Disponível em**

<https://www.theatlantic.com/science/archive/2017/12/the-origins-of-storytelling/547502/>

**Acesso em** 25 de novembro de 2017.

**Tradução:** Paulo Bocca Nunes

(escritor, contador de histórias, professor de Língua Portuguesa, Mestre em Letras Cultura e Regionalidade. Mais informações em [www.pauloboccanunes.com](http://www.pauloboccanunes.com)).

## OBSERVAÇÕES

1. O texto foi encontrado na internet e traduzido sem fins lucrativos.
2. O único objetivo de traduzir o texto é disponibilizá-lo em língua portuguesa e, dessa forma, compartilhar o conhecimento sobre o tema ou assunto para pessoas que tenham interesse.
3. Os Artigos Traduzidos não fazem parte de uma revista eletrônica, nem possui ISBN. Trata-se apenas de uma forma de identificar o seu objeto de texto.
4. A autoria do texto original, em inglês ou espanhol, será preservada bem como a identificação do site em que foi encontrado o texto.
5. Não nos responsabilizamos caso o artigo original ficar indisponível no endereço eletrônico que indicamos. Essa possibilidade pode ocorrer e isso foge da nossa competência.
6. Buscou-se fazer uma tradução a mais próxima possível do texto original, sem fazer adaptações.
7. Quando houver necessidade de esclarecimentos em alguma parte do texto, haverá anotações de rodapé com a observação (N.T.), creditada ao tradutor.
8. Solicita-se que, caso for usado este artigo para qualquer fim, sejam feitas as referências ao autor do texto original, o título original, bem como ao tradutor e o endereço eletrônico em que estará disponibilizado tanto o texto original quanto o texto traduzido.

## ESCLARECIMENTO DE TRADUÇÃO

1. Optamos por traduzir a palavra "storytelling" para "contação de histórias" para sugerir a ideia de contar uma história usando palavras faladas de forma performática, ou em caso de contar através de linguagem de sinais ao vivo que por si só já é performática. Também pelo fato de nos referirmos a "contador(a) de histórias" (storyteller) como aquela pessoa que se dedica à "contação de histórias".
2. Em alguns textos, há expressões que traduzidas ficam: "narrativas orais", "narradores orais", "tradições orais" ou qualquer outra expressão que esteja relacionada a esse tema. A tradução será de acordo com o contexto.

encontrou evidências de que as histórias – e o próprio ato de contar histórias – surgiram em parte como forma de consolidar laços sociais e instilar uma ética de cooperação.

No início, Migliano não estava realmente interessado em contar histórias. Ela queria saber quais qualidades os Agta mais valorizam em seus pares, uma vez que eles são nômades e seus campos mudam continuamente. Então, seus alunos pediram a 300 Agta para nomear as cinco pessoas com quem eles mais gostariam de conviver. Eles também pediram aos voluntários para nomear as pessoas mais fortes que eles conheciam; os melhores caçadores, pescadores e forrageiras; aqueles cujas opiniões são mais respeitadas; e aqueles com mais conhecimento médico. E finalmente, quase como uma reflexão tardia, eles pediram aos voluntários para nomear os melhores contadores de histórias. Isso, eles assumiram, era algo relativamente sem importância, e faria um contraste interessante contra as outras habilidades mais estimadas.

Na verdade, os Agta pareciam valorizar a contação de histórias acima de tudo. Bons contadores de histórias eram duas vezes mais propensos a serem nomeados como companheiros vivos ideais do que os fiadores de contos ambulantes, e a perspicácia de contar histórias contava muito mais com todas as outras habilidades. “Foi muito valorizado, duas vezes mais do que ser um bom caçador”, diz Migliano. “Ficamos confusos”.

Felizmente, ela estava trabalhando com a Agta Aid, uma organização sem fins lucrativos que vinha tentando preservar as histórias orais do povo Agta em formas escritas. “Perguntamos se poderíamos dar uma olhada nas histórias que estavam coletando e percebemos que a maior parte do conteúdo era sobre cooperação, igualitarismo e igualdade de gênero”. O sol masculino e a lua feminina se dividem no céu. Um porco ajuda seu amigo ferido – uma vaca marinha – no oceano para que eles possam correr lado a lado. Uma formiga alada descobre que ela não está acima de suas outras irmãs sem asas.

Esses temas não são exclusivos dos Agta. Eles também estão presentes em cerca de 70% das histórias que Migliano compilou do trabalho com outros grupos de caçadores-coletores. “Caçadores-coletores se movimentam muito e ninguém tem um poder particular”, explica ela. “Você precisa de maneiras de garantir a cooperação em uma sociedade igualitária, e percebemos que você poderia usar histórias para difundir as normas que são importantes para eles”. As pessoas podem usar a religião para alcançar um fim semelhante, reforçando o bom comportamento através do medo de uma divindade punitiva. Mas Migliano aponta para pesquisas sugerindo que deuses elevados são uma invenção relativamente recente, que surgiu quando as sociedades humanas se tornaram grandes. Pequenas comunidades como os Agta não as possuem. Em vez disso, eles usam histórias para o mesmo propósito.

A equipe de Migliano pediu a voluntários dos Agta de vários campos para jogar um jogo simples, no qual eles poderiam compartilhar arroz com seus companheiros de acampamento. E eles descobriram que tal compartilhamento era mais provável em campos com uma proporção maior de bons contadores de histórias.

Isso é apenas uma correlação, no entanto. É possível que os contadores de histórias promovam ativamente mais generosidade entre seus pares. Alternativamente, Migliano diz, “se você vive em um campo mais cooperativo, talvez tenha mais tempo e conte mais histórias divertidas”. Mas se isso for verdade, ela acrescenta, não explicaria por que tantas das histórias reais apresentam *leitmotifs*<sup>1</sup> de cooperação, ao invés de outros temas felizes e positivos. E certamente não explica por que a habilidade de contar histórias é tão benéfica para quem a usa.

Contadores de histórias ágeis e habilidosos são mais propensos a receber presentes, e eles não são apenas mais desejáveis como companheiros vivos – mas também como companheiros. Em média, eles têm mais 0,5 filhos que seus pares. Esse é um resultado crucial. As histórias podem ajudar a unir as comunidades, mas a evolução não funciona para o bem do grupo. Se contar histórias é realmente uma adaptação, como sugere Migliano, isso tem de beneficiar indivíduos que são bons nisso – e isso claramente acontece.

“Costuma-se dizer que contar histórias e outras práticas culturais, como cantar e dançar, ajuda na cooperação em grupo, mas testes reais dessa ideia não são comuns”, diz Michael Chwe, cientista político da Universidade

---

<sup>1</sup> Um tema recorrente em toda a composição musical ou literária, associado a uma pessoa, ideia ou situação específica. (N.T.)

da Califórnia, em Los Angeles, que estuda a cooperação humana. “A tentativa da equipe de fazer isso é admirável”.

Ainda assim, é difícil saber se é o ato específico de contar histórias que importa. Como outros já observaram, “a criatividade vem com seu próprio conjunto de traços de personalidade, o que pode tornar [as pessoas] parceiros sexuais mais atraentes”, diz Lisa Zunshine, professora de inglês da Universidade de Kentucky.

E todos os resultados de Migliano dependem de os Agta nomearem com precisão os melhores contadores de histórias no meio deles. Eles fizeram? Eles poderiam apenas ter nomeado pessoas que eles eram próximos, ou celebridades veneradas que surgiram prontamente à mente? Isso não explicaria tanto a fecundidade quanto a conveniência desses supostos Jedi de contar histórias? Migliano acha que não. Se a pesquisa tivesse sido um mero concurso de popularidade, os Agta também deveriam ter indicado as mesmas pessoas como caçadores excepcionais, coletores, cuidadores de crianças e assim por diante. Eles não. Eles selecionaram pessoas específicas para habilidades específicas, incluindo contar histórias.

“Isso sugere que os caçadores-coletores rastreiam essa capacidade e a percebem como benéfica”, diz Michelle Scalise Sugiyama, da Universidade de Oregon, que estudou as origens da contação de histórias. Outras sociedades, como os Tsimane da Bolívia, fazem o mesmo, o que “indica que a contação de histórias contribui com algo de valor adaptativo para a vida humana”. Esse algo pode muito bem ser o reforço das normas e da ética. “Como atestado pela universalidade da figura do *trickster*,<sup>2</sup> contar histórias sobre infratores que são pegos e punidos é um meio eficaz de persuadir os indivíduos a se conformarem às normas do grupo”, acrescenta Scalise Sugiyama.

Mas “as histórias também contêm conhecimento cultural valioso e os contadores de histórias são repositórios desse conhecimento”, observa ela. Os caçadores-coletores usam seus contos para passar informações sobre comida, clima e muito mais – e muitas vezes de maneiras que estranhos podem perder.

Por exemplo, os Andamaneses têm uma história sobre dois deuses do tempo<sup>3</sup> em disputa, que acabam dividindo seus deveres de criação dos ventos. Você pode ver isso como uma história sobre como evitar conflitos, ou como uma maneira de codificar informações sobre os fortes ventos que cobrem as Ilhas Andaman. Uma história de criação semelhante fala sobre um lagarto de monitor que entrou na selva para caçar porcos, ficou preso em uma árvore, e foi ajudado por um gato civeta<sup>4</sup> (quem se casou). Em face disso, essa é uma história de cooperação entre os sexos. Mas Scalise Sugiyama observa que também codifica informações sobre o habitat, a dieta e o intervalo entre os lagartos, porcos e civetas locais. “Esses perfis podem ajudar na previsão do comportamento animal, que é fundamental para localizar, rastrear e perseguir o jogo”, diz ela.

Isso não quer dizer que as pessoas deliberadamente ou conscientemente contam histórias para passar conhecimento ou manter suas comunidades juntas. “Meu palpite é que eles diriam que é divertido”, diz Migliano. É por isso que as pessoas escolhem contar histórias de momento a momento – é o que os biólogos

<sup>2</sup> Na mitologia, no estudo do folclore e religião, um *trickster* é um deus, deusa, espírito, homem, mulher, ou animal antropomórfico que prega peças ou fora isso desobedece, ou burla, regras normais e normas de comportamento. Em muitas culturas, principalmente, de origem europeia, há a figura do malandro. No entanto, o *trickster* possui diferenças significantes entre esses malandros e os de tradições de povos indígenas.

A divindade *trickster* quebra as regras dos deuses ou da natureza, às vezes de forma mal-intencionada (por exemplo, Loki). Porém, de um modo geral ou até de forma involuntária, suas ações tem efeitos positivos.

O *trickster* pode ser astuto ou tolo, ou ambos. Frequentemente são engraçados e cômicos, mesmo quando considerados sagrados. Um exemplo é o Heyoka sagrado, uma espécie de palhaço sagrado na cultura do povo Lakota das Grandes Planícies da América do Norte, cujo papel é lançar truques e jogos e, por isso, aumenta a consciência e atua como um equilibrador.

Na cultura, Prometeu roubou o fogo dos deuses e entregou ao homem, dando origem à civilização. No entanto, não é um herói *trickster* ou trapaceiro típico. No entanto, em muitas das mitologias dos povos nativos norte-americanos, o coioete (Sudoeste dos Estados Unidos) ou o corvo (litoral noroeste do pacífico, Columbia Britânica, Alasca e extremo oriente russo) roubaram o fogo dos deuses (estrelas, lua, e/ou sol) e são mais considerados mais “malandros” (*tricksters*) do que heroicos. Prometeu era um Titã, enquanto o Coioete e Corvo são geralmente vistos como palhaços e brincalhões. (N.T.)

<sup>3</sup> O autor se refere a “*weather gods*”, ou seja, deuses dos domínios “meteorológicos”, do clima. (N.T.)

<sup>4</sup> Mamífero carnívoro noturno esguio com pelagem negra com manchas brancas. Possui glândulas anais que produzem uma secreção e são usadas na obtenção do almíscar usado na confecção de perfumes. Habita toda a África subsaariana, com exceção da Somália, e a Ásia. (N.T.)

chamam de “causa imediata” de um comportamento. Mas são os benefícios mais amplos – as “causas últimas”, como a transmissão de conhecimento ou a inculcação de valores – que podem explicar por que a contação de histórias de histórias surgiu em primeiro lugar.

A origem da contação de histórias de histórias não reflete necessariamente seus usos posteriores, no entanto. “Nosso amor humano por histórias tornou-se adaptado para diferentes fins durante as fases posteriores da história humana”, diz Sarah Blaffer Hrdy, uma antropóloga da Universidade da Califórnia, em Davis. “As pessoas falantes de Maia que eu costumava estudar no sul do México contavam histórias sobre um demônio alado e super-sexuado com um pênis de seis metros de comprimento que reforçava os papéis sexuais apropriados para homens e mulheres, incluindo proscições de posturas durante o sexo, tabus menstruais, liberdade de movimento. Em vez de promover a igualdade sexual, isso serviu para constringer as mulheres”.

“Infelizmente, nosso universalmente maravilhoso universo de histórias amorosas também pode se tornar uma vulnerabilidade humana demais, promovendo a inimizade tão prontamente quanto às relações amigáveis”, acrescenta ela.